

19

2 0 1 9

**Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CARVALHO, Mário Santiago de (2019). *O Curso Filosófico Jesuíta Conimbricense*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 177pp., ISBN 978-989-26-1543-1.

O interessante livro de Carvalho explora a formação didática e pedagógica da filosofia no colégio jesuíta de Coimbra, no tempo da Contrarreforma. A historiografia filosófica cunhou-a «Curso Conimbricense» para se referir um conjunto de oito títulos sobre filosofia aristotélica, os *Comentarios a Aristóteles do Colegio Jesuíta Conimbricense* (CACJC) saídos dos prelos de Coimbra e de Lisboa entre 1592 e 1606. O autor alude à inovação, originalidade e atualidade de Aristóteles. O estudo parte do século XVI, quando D. Joao III entregou o Colégio Real das Artes (1547) ao provincial da Companhia de Jesus para ensinar e conferir graus.

No primeiro capítulo, o livro realça o eco “global” da Filosofia nacional, cujo propósito era resolver uma crise no corpo docente, acusado de erasmismo. A lecionação do curso dividia-se em duas vertentes: uma humanista e outra filosófica; esta última foi a explorada pelo autor. O curso era de quatro anos e nele glosavam-se os livros aristotélicos: *Lógica, Física, Metafísica, Ética e A Alma*. Neste paradigma didático houve alguns jesuítas que se notabilizaram. Manuel de Góis foi o principal obreiro e lecionou dois cursos completos de filosofia (1574-78 e 1578-82). São-lhe atribuídos os livros *Comentarios à Physica* (Coimbra 1592), *Meteororum* (Lisboa 1593), *Parva Naturalia* (Lisboa 1593), *Ethica* (Lisboa 1593), *De Caelo* (Lisboa 1593), *De Generatione et Corruptione* (Coimbra 1597) e *De Anima* (Coimbra 1598). Segue-se Sebastião do Couto, comentador de *Dialectica* (Coimbra 1606); leu Filosofia e Lógica no Colégio de Coimbra durante um curso completo (1597-1601). Baltasar Álvares é o terceiro nome dos CACJC, a ele se deve o apêndice ao *De Anima*, intitulado *Tratado da Alma Separada*; além de ter sido editor (1619-28) de Francisco Suárez, lecionou filosofia em Évora (1590), em Coimbra (1594-98) e Teologia (Évora, 1599-1602), disciplina na qual se doutorou. Em Évora, Álvares regeu as cátedras: *Tercia, Véspera e Prima*. Cosme de Magalhães, a quem se atribui a edição do volume *De Anima*, agregou neste um apêndice, *Tratamento de Alguns Problemas relativos aos Cinco Sentidos*. Magalhães lecionou *Escritura* em Coimbra (1601-05). Carvalho salienta o papel de quatro jesuítas anteriores aos CACJC, Pedro da Fonseca, Cristóvão Gil, Marcos Jorge e Pedro Gómez, que tiveram influências na didática e pedagogia como a impressão das lições, a metodologia de investigação, o trabalho de equipa, a disseminação e repercussão global das

suas obras, a conceção, exposição, modernidade e pragmatismo. Até meados do século XVII a produção coimbrã ultrapassou o ritmo de publicação europeu em um título por ano. Deste modo, Aristóteles chegou à China e às Índias Orientais e Ocidentais revelando a capacidade missionária dos jesuítas.

O segundo capítulo expõe a ciência filosófica de forma sistemática, dedutiva e disputacional. A Academia Conímbricense seguiu o método de ensinar *docendi rationem*, um regresso às fontes para explicar o pensamento aristotélico. Este, depurado de qualquer oposição à «respublica Christiana» combateria as ameaças da ciência provenientes do paganismo e do ateísmo. O programa do curso conimbricense expunha como género literário, o comentário e a *explanatio*, distinguia a disputa como meio de investigação e procura da verdade. A metodologia aplicada era a dialogante: questões, subdivididas em artigos e, por vezes, em secções. O método de ensinar da “escola” de Coimbra era similar ao das suas congéneres em Estrasburgo, Roma, Paris e Alcalá: utilizava o *modus parisiensis*, uma pedagogia centrada nas capacidades do estudante e num plano de estudos organizado. A Companhia de Jesus ambicionava, na sua iniciativa editorial, habilitar um manual filosófico para todo o mundo. O seu código pedagógico assentava na *Ratio Studiorum* (1599). O curso começava com a lógica, no segundo ano iniciava a física, a «filosofia natural», da qual faziam parte os livros *Physica*, *De Coelo*, *Meteororum*, *Parva Naturalia*, *De Generatione et Corruptione* e *De Anima*. A *Ethica* era abordada no penúltimo semestre. Os luteranos e os calvinistas preocupavam-se com as doutrinas teológicas e, assim, dedicavam-se a um saber orgânico ou enciclopédico. Em relação à teologia, Manuel de Góis glosou um dos principais *Proémios* dos CACJC, o da *Physica*; Sebastião do Couto explorou a *Dialectica*. A matemática era a chave da clareza, mas a metafísica apresentava-se como a chave da dignidade e é nesta dimensão autoritária que a teologia doutrinou os padres. A metodologia multiplicava questões e disputas, acolhia o probabilismo e a vivência da inquirição dialógica.

No capítulo três o enfoque recai na Ciência da Lógica. Carvalho citou o testemunho do provincial Miguel Torres (1574) realçando o peso da lógica: os estudantes saíam «buenos dialecticos, pero muy flacos en la philosophia que es lo principal». Os docentes quando confrontados com a pergunta, «o que significa pensar?» defendiam que a singularidade e a universalidade da ciência chegavam ao domínio da verdade. Couto fez a síntese das teorias agostiniana e tomista, defendia a capacidade do ser humano aprender desde que o método fosse adequado. O mestre devia recorrer a exemplos sensíveis, facilitar a produção de imagens para que o aluno alcançasse a inteligibilidade das coisas.

No capítulo quatro, o autor retrata a ciência da física e a metafísica, esta

era a ciência de maior nobreza. A física, na perspectiva ontológica de plenitude, tinha como tema capital o estudo do ente móvel, das causas e dos efeitos naturais, permitindo chegar às esferas celestes e ao próprio Deus. Iniciava-se física lendo *De Coelo* como meta para a educação dos costumes. Os três aspetos da contemplação eram a perfeição, a beleza do mundo, e a distinção, a variedade e a ordem das suas partes. O movimento circular ocupava o primeiro lugar, todos os seres regressam à fonte e causa que é Deus; cada ser indivisível forma a unidade de Deus; a perfeição do mundo pela ordem das partes (Universo) é também função de Deus. Assim, cristianizavam-se os textos de Aristóteles.

No quinto capítulo, Carvalho explica a ciência da alma, ou a invenção da antropologia. A «medicina da alma» articulava as problemáticas do *De Anima* e da *Ethica* ao serviço de uma antropologia do espírito, idealmente incarnado. São quatro os géneros de seres vivos na definição aristotélica de alma: vegetar, sentir, mover-se e pensar, mas só o último seria específico do ser humano. Discutia-se a localização da alma: ela era mais perfeita no corpo que fora dele; surge a antropologia da Ressurreição. A alma participa da razão e da inteligência, da imaterialidade e da inteligibilidade, da Verdade.

No sexto capítulo, o autor evidencia a ciência da ética (filosofia moral), a felicidade e a liberdade. Destacou Góis e as suas nove disputas sobre filosofia moral; esta incide nas ações humanas, a felicidade e a norma de uma vida reta. Os três principais objetivos da ética eram «ensinar a razão de viver honestamente», «instruir na probidade dos costumes» e «conduzir ao estado feliz da vida». A ética era entendida como a «medicina da alma», um estilo de vida intelectual em consonância com a razão reta ou virtuosa.

No sétimo capítulo, Carvalho discorre sobre a ciência metafísica, teologia natural e «pneumatologia» (espiritualidade humana e a sua ligação com Deus). A metafísica deveria investigar as causas supremas como Deus e os princípios mais comuns. A fé no Deus bíblico que necessita da física, da metafísica, da teologia, da imortalidade da alma, assimilava as exigências de Trento.

No último capítulo, o autor apresentou resultados de investigação, considerou dois elementos fundamentais da espiritualidade inaciana: o princípio da ontologia da dádiva e a presença de Deus (Verdade e Bem). Elencou textos, manuscritos e impressos que tiveram importância na formação filosófica, doutrinária e missionária, abrindo pistas para futuras investigações.

É importante a leitura deste livro porque frisa temas de foro ético e deontológico na devoção moderna.

ANA RUAS ALVES

Agrupamento de Escolas de Ansião
anruasalves@gmail.com